

A memória do jogo do pau

Mestre José Quéó

Não esquecendo três grandes jogadores: Serafim Tripa de São Martinho de Silves, Florêncio Tripa e Albano Ramos do Bairro de São Jorge.

Um domingo quando ia para o treino de futebol, no ano de 1954, por volta das 8:00 da manhã, encontrei quatro homens a jogar ao pau, Mestre Quéó e três irmãos António, José e Custódio, conhecidos por "os Moleiros".

O mestre Queo veio e perguntou se queria jogar com eles, eu fiquei e não disse nada. Ele foi buscar uma bara e começou a ensinar-me os primeiros passos, que é o principal do jogo do pau, é o traçado. Então eu perguntei ao mestre a que horas começava os treinos e ele disse às 07h30, todos os domingos.

A partir dessa data, continuei até ao ano 1964.

Durante esse tempo passaram mais de 150, e quando a equipa fazia demonstrações encontrava-se com 20 a 30 jogadores.

Podemos salientar outros grandes jogadores: Joaquim Lopes e seu filho Valdemar, António Lopes, João Lopes, e seu filho Mário, Serafim Tripa e sua filha Maria do Carmo, Florêncio Tripa e António Chambeta.

Então chegamos a uma pessoa única e raríssima, e para meu conhecimento o homem mais grande (1,93m) e mais valente da freguesia de São Bartolomeu do Rego: "Joaquim do Eteirinho" ou «O comprido» aliás Joaquim Gonçalves, padrinho do meu irmão.

No lugar da Lameira, freguesia de San Bartolomeu do Rego, no dia 21 de Agosto de 1953 por volta das 16:00 e antes de sair a procissão da nossa Senhora da Saúde, seu pai dirigiu-se para comprar uma vara de marmeleiro a um negociante de Borba da montanha. O Comprador disse ao negociante para lhe tirar meio tostão ao preço da vara, replica o vendedor como se o conhecia "parolo". O filho estava ao lado do pai e disse ao vendedor: "você

fale com mais respeito ao mesmo velho, pois se não, vai ser o diabo". O negociante pegou numa vara e desafiou o rapaz, aí começaram a pancada. O rapaz combateu sozinho contra os homens que quiserem deita-lo ao chão. O barulho durou mais ou menos uma hora. Foi preciso a guarda a cavalo intervir para que o barulho acabasse. Metem-lo-no entre dois cavalos e disseram-lhe para ele parar. O rapaz respondeu-lhes: "paro mas os senhores não me batem pois senão fujo-lhes ao respeito". A guarda acompanhou o pai e o filho até a saída da romaria e eles foram embora.

No mesmo ano, no dia 8 de Setembro, na Senhora do Viso o dito negociante, de Barba da Montanha voltou para vingar-se, mas ai, ele veio acompanhado dos seus amigos.

O meu pai conversava com o compadre encostado a um penedo a alguns metros, o Joaquim viu varas no ar e cântaros cheios de vinho à cabeça. Ele disse ao meu pai "deixa-me ir ver, que os de Borba querem brincadeira", deu dois saltos, duas arrebatedelas ao chapéu, e as varas falaram com o mesmo sistema de jogo, entrou com jogo de varre quelhas contra jogo e as pancadas mortais. O pau não se via, só se via pessoas com a cabeça a deitar sangue, homens e mulheres deitados no chão. No fim o Joaquim Gonçalves disse: "Já não há mais?" O combate durou mais ou menos três quartos de hora e assim a festa terminou.

Estas duas cenas passaram-se na minha presença (Júlio Alves Marinho).

No mês de Julho de 1966, quando me encontrava em férias em Fafe, convidei o mestre Quéó e a sua esposa para almoçar em casa dos meus pais. Durante esse almoço, falámos dos seus familiares. Ele contou-me com uma grande alegria e emoção que tinha aprendido a jogar com o pai, que o pai tinha aprendido com o avô, e o avô do seu pai que o aprendeu de um senhor que se chamava Marques Mendes dos lados de Freitas, onde havia um grupo e eles faziam partidas. Ainda existe familiares. Foi pena que depois do Mestre José Quéó não houve um filho para continuar, assim terminou como podemos dizer uma existência mais ou menos de 200 anos de jogo do pau entre família.

Foi no ano de 1997, no mês de março que começamos com o jogo do pau. Eramos 3 homens e 3 mulheres, as baras eram cabos de vassoras.

Nas férias de julho, trosse 12 baras de lodo, pois a partir daí que o grupo passou a 16 jogadores entre adultos e crianças. Assim nasceu o primeiro grupo em França. A primeira demonstração foi no dia 19 de dezembro as 20h30 no dia da árvore de natal desta associação diante de 250 espectadores.

Desde daí, o grupo progressou. Chegou à Assembleia Geral Anual da Associação e o grupo ficou com 5 jogadores. Em agosto de 1998 comprei mais 16 baras. O grupo tornou-se a formar com 12 jogadores, e ainda uns quantos principiantes. Atingindo um número de 25 membros a sala tornou-se pequena. Durante várias reuniões com a direcção desta associação pedi que os treinos se fizessem num ginásio, sendo a sala muito pequena. O presidente disse-me que os treinos tinham de continuarem nessa sala, pois não havia ginásio disponível. Como treinador e responsável deste grupo, fui pedir uma audiência ao presidente da Câmara desta cidade e fui recebido pouco tempo depois pelo responsável do serviço do desporto. Eu disse-lhe que era da cidade de Saint Genis Laval a apresentar em toda a França o primeiro grupo do jogo do pau.

Ele respondeu que já estava informado pelo presidente da câmara que o grupo do jogo do pau era o primeiro em França, pois Saint Genis Laval não pode deixar de ser a primeira cidade a levar a bandeira. Desta forma consegui ter acesso a um ginásio com a superfície de 750 m² todos os sábados das 19h30 às 22h00.

O primeiro treino teve lugar no dia 18 de março de 2000. Já houve várias demonstrações e temos vários convites com seguintes cidades: paris, Marseilha, Nantes e Toulon. Em setembro, dia 30 e 1 de Outubro de 2000 vamos realizar um primeiro estágio com a presença de 2 mestres que vêm de Lisboa e a participação do CCPF de Paris e os amigos do 25 de Abril. Um dos mestres é o famoso Nuno Curvelo Russo.

Júlio Alves Marinho